



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

A IMAGEM DOS AFRICANOS NA COMUNICAÇÃO CRISTÃ¹

EDILSON MARQUES DA SILVA

UNESP - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

FACULDADE DE ARQUITETURA ARTES E COMUNICAÇÃO

RESUMO: O texto trata sobre o papel da mídia e da educação formal e informal, sobre a formação da auto-imagem, e da auto-estima da população de afrobrasileira. Há um destaque para o contexto das histórias do mundo bíblico, como um importante espaço de formação e educação. Este espaço educacional tem privilegiado uma conotação racista, a medida que transforma todos os personagens das histórias bíblicas, oriundo do continente africano, tais como, o Egito e a Etiópia, apresentando-os com o fenotipo europeu e nórdico. Todos os personagens negros da bíblia são representados como brancos nas histórias contadas para as crianças, nos filmes ilustrativos e materiais didáticos religiosos.

PALAVRAS CHAVE: NEGRITUDE; AUTO ESTIMA; MEMÓRIA

¹ Trabalho apresentado no NP13 – Núcleo de Pesquisa Comunicação e Cultura das Minorias, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

QUE HISTÓRIAS LHE CONTARAM?

Atualmente, é inegável o papel da educação como imprescindível área de atuação na luta pela eliminação e superação do racismo. É a través da educação que as pessoas formam a sua visão de sociedade, elaboram valores éticos e étnicos, bem como, formulam o conceito sobre si mesmos e do outro. Neste texto queremos abordar um aspecto ligado a educação, que diz respeito ao lúdico, ou mais especificamente, as histórias, utilizadas como instrumento educacional com a incumbência de divertir, entreter e ao mesmo tempo, transmitir a herança cultural para aqueles que seriam os “iniciandos” desta comunidade, ou seja, as nossas crianças.

As crianças na, sua maioria adoram histórias, e por mais absurdas que sejam, acreditam nelas. As histórias nos fazem rir, chorar, e ficam gravadas no nosso coração. Ainda quando crianças, nos orientamos pelas histórias que nos contam. Queremos ser iguais àquele personagem que vimos naquela história. Não queremos ser iguais àquele outro personagem da outra história. As histórias influenciam na formação da auto - imagem, e contribuem profundamente na construção da nossa auto - estima, além de também ter sua parcela de responsabilidade pela imagem que formamos do outro.

As histórias são capazes de penetrar no mais profundo do nosso ser, e permanecer ali eternamente, enquanto vivermos, e permanece mesmo depois que morremos, porque, sempre que tivermos oportunidade, vamos reproduzir e contar a velha história à alguém que gostamos muito ou não. Grande parte das nossas atitudes são tomadas em função de alguma história que temos guardada dentro de nós, e que sem perceber-mos estão exercendo profundas influências nas nossas ações diárias. Começamos a escrever este texto á partir da reflexão sobre a importância das histórias na formação da nossa auto-estima.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

A nossa inquietação começou a surgir quando nos demos conta de que era um integrante de uma família negra, enquanto homem negro, casado com uma mulher negra, e com um casal de filhos negros. Percebemos que as histórias contadas aos nossos pequenos filhos teriam grande parcela de responsabilidade na formação da personalidade deles, e acima de tudo, influenciariam na imagem que eles fariam deles mesmos, além de determinar o nível de satisfação ou insatisfação de serem quem eles são. O susto foi maior, ao notar-mos que a imagem que eles formam de si quando crianças, provavelmente os acompanham pela vida toda, determinando a relação que terão futuramente, no trabalho, na família que irão formar, influenciando até mesmo a relação que terão com Deus.

São muitas histórias registradas dentro de nós. As histórias contadas pelos nossos primeiros professores na escola, são as histórias contadas nas cartilhas de alfabetização, as histórias que nos contaram na igreja. Tudo isto nos levou a reflexão sobre a questão racial, sobre o fato de ser negro. Pessoalmente, tenho uma recordação muito forte dentro de mim. Recordo-me que quando criança, fechava os meus olhos e sonhava, mas não conseguia me enxergar como uma pessoa negra, e sim como uma criança loura de olhos azuis.

Lembro-me da primeira vez que me sentei a mesa de um lugar público juntamente com outras três pessoas negras. Naquele momento tinha 22 anos de idade. De repente veio uma indagação a mente: “O que estou fazendo aqui? Nunca sentei com outros negros, porque estou aqui agora?” Isto era uma verdade. Nunca, até então, havia me assentado antes com um grupo de negros. Teria isto alguma relação com as histórias que estavam registradas dentro de mim?

Esta reflexão trouxe-me a mente algumas pessoas que conhecia, e passei a imaginar que tipo de histórias estavam registradas dentro delas e a relação estabelecida



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

com o comportamento. Lembrei-me daquele jovem negro que com muita dor compartilhou-nos que no seu período escolar, nunca havia levantado a mão para responder qualquer pergunta feita pela professora, porque pensava que ao levantar o braço todos da classe iriam ver o seu braço levantado, e perceber que ele era negro. Para não ser notado como negro, enquanto criança nunca se apresentava para responder qualquer coisa. Que histórias contaram para aquela criança negra, que a deixou com a auto - imagem e a auto - estima tão rebaixada? Que histórias lhe contaram, e ele, criança inocente, acreditou!

Recordo-me de um amigo negro, que ao reportar-se aos tempos de criança, tem gravado na lembrança a imagem da sua mãe que constantemente lhe comprimia o nariz. Ele, enquanto criança, perguntava a mãe o porquê dela estar sempre apertando o seu nariz. Ela respondia que era para afinar os traços do nariz, afim de que ele deixasse de ter o nariz chato, característico da raça negra, para que as pessoas não o identificasse como um negro e o filho não sofresse quanto a sua mãe. Que lembranças terríveis tem essa mãe guardada dentro de si! Que histórias lhe acompanham desde a meninice, ao ponto de que por amor ao filho e para poupa-lo de sofrimento, chega a acreditar que com as próprias mãos poderia apagar a identidade negra de seu filho, do seu amado filho?

Passei então a pensar nas gravações arquivadas na mente de menino de um outro grande amigo negro. Quando fui convidado por ele para participar da festa de seu casamento. A sua noiva era uma jovem branca dos cabelos pretos todos ondulados. Despretensiosamente perguntei-lhe porque iria se casar com ela. Sinceramente, esperava ouvir dele a seguinte resposta: “Estou me casando com ela, porque eu a amo, e esta é a mulher da minha vida”. Mas a resposta foi outra. Ele respondeu-me: “Estou me casando com ela para poder melhorar a raça. Não quero que meus filhos nasçam negros.” Que histórias estão registradas na mente de menino, exercendo papel tão preponderante, influenciando até mesmo as relações afetivas e os projetos de família?



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

No senso realizado pelo IBGE em 1980, haviam duas questões destinadas a quantificar a população de acordo com a sua etnia. Uma questão fechada, outra questão aberta, reduzida a pergunta: “Qual é a sua cor?” Com liberdade cada um respondia a cor que achava que tinha. Foram 136 variações de cores. Isto nos fez refletir sobre os escapes que as pessoas encontram para não serem identificadas como negras. Tentam de todas as maneiras fugirem de serem identificados com esta raça. Que histórias foram contadas, capaz de levar essa imensa massa populacional pesquisada pelo IBGE a omitir sua identidade negra? Que histórias nos foram contadas na infância e adolescência levando-nos ao medo de dizer: “Eu sou negro” ou “Sou negra.” Como se o ser negro ou negra não correspondesse a uma raça, mas sim a uma marca negativa, que precisa ser apagada, superada ou esquecida.

Lembro me neste momento de uma redação escrita por uma criança negra, da cidade de Tupã, interior de São Paulo, onde ela conta que no seu primeiro ano de escola, no primeiro dia de aula, a professora precisou sair por um momento da sala. Pediu aos alunos que conversassem com o coleguinha do lado, da frente para se conhecerem. Um aluno perguntou: “professora, eu vou ter que conversar com esta pretinha aqui de traz?” Conta a redação da menina, que a professora ficou desarmada, sem saber o que falar. Diante da fala do colega de classe e da postura da professora, desarmada e sem saber o que dizer, a pequena aluna negra, no seu primeiro ano de escola, e no primeiro dia de aula já pode concluir, na sua ingenuidade, que aquele não seria um espaço muito amistoso.

Cada pessoa traz dentro de si histórias que ajudam a categorizar e rotular as pessoas. E agora, aquela aluna negra recém chegada a escola, além das suas histórias gravadas no seu interior, terá como agravante, que as pessoas que convivem com ela, trazem também suas histórias, e nelas a figura do negro não ocupa um referencial positivo. Que histórias contaram em casa para aquela criança branca, levando ela a



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

apresentar resistência e repulsa ao fato de ter que dialogar com uma criança negra? Que história lhe contaram?

Penso comigo, e fico imaginando sobre as histórias que fariam parte do interior daquele aluno da Universidade Federal de Juiz de Fora, no Estado de Minas Gerais, levando-o recentemente, a divulgar via Internet um e-mail estimulando as pessoas que estivessem tendo acesso a aquela mensagem, a organizarem em suas localidades grupos de extermínio de pessoas negras. Que história lhe contaram na infância, na adolescência, na escola, na igreja? Seriam as mesmas histórias que também fazem parte do universo interior das crianças e jovens negros? Que histórias são estas?

No vestibular ocorrido em janeiro de 98, na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, a prova de língua portuguesa trazia uma questão para que os candidatos analisassem duas frases: “Ela é bonita, mas é negra” e a outra “Embora negra, ela é bonita”. O presidente da Comissão Permanente de Vestibular, responsável pela elaboração da prova, disse que a questão foi uma “escorregada infeliz”. A consultora de português do jornal Folha de São Paulo, Priscila Figueiredo, analisou as frases.

Segundo a consultora de português, na construção “Ela é bonita, mas é negra”, há uma relação de coordenação, ou seja, as orações que a compõem têm mesma função gramatical. O “mas” é conjunção adversativa no caso, impondo restrição. O que se diz é “De fato, a moça é bonita, mas sua beleza é desqualificada pela cor”. Já em “Embora negra, ela é bonita”, ocorre subordinação, em que uma das orações determina o sentido da outra. A palavra “embora”, que introduz a oração subordinada (com omissão do verbo), tem caráter concessivo - mesmo apresentando argumento desfavorável, constitui uma “restrição superável” pela beleza. “A moça pode ser negra, mas isso não impede que seja bela” é o que está sendo enunciado.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Quem é que sabe as histórias que o professor responsável pela elaboração desta questão de vestibular vem ouvindo desde a infância? Estas histórias vieram a influenciar nas suas convicções éticas, estéticas e culturais, considerando negritude e beleza em coisas incompatíveis. Quem sabe que histórias lhes contaram seus pais, seus professores, amigos? Quem sabe?

Houve um homem na África do Sul, de nome Stive Bicko, que morreu nas mãos de policiais, que o torturam na prisão pública até leva-lo a morte. Após muito tempo de negação, recentemente os próprios policiais confessaram o crime. Uma das razões de sua prisão e morte, além de ser um ativista contra o regime racista da África do Sul, foi ter declarado “The Black is Beautiful” - O negro é lindo.

As histórias são capazes de nos tirar o prazer de sermos negros e negras. É preciso conhecer mais sobre esta ideologia que nos faz pensar, que pelo fato de sermos negros não podemos ser belos, não podemos ocupar determinados espaços da sociedade, e que nos faz perder o brilho dos olhos. Gostaria muito que meus filhos não perdessem o brilho que, ainda, tem nos olhos. Repito-lhes diariamente que são lindos, e gostaria que eles crescessem crendo e descobrindo-se cada vez mais lindos. Gostaria que meus filhos fossem cidadãos, sujeitos de deveres e direitos, sem nenhuma restrição. Para que isto aconteça, é preciso dar uma atenção muito especial as histórias que lhe serão contadas dentro do lar, na escola, na igreja, e demais espaços sociais.

EDUCAÇÃO RELIGIOSA, RACISMO E AUTO - ESTIMA

A ideologia racista é bastante eficaz em suas ações. Ela faz com que seja reinante no interior de nossas escolas, igrejas e demais organizações sociais a idéia de que as pessoas devem evitar falar sobre a questão racial, acreditando que se discutirem o tema irão fazer surgir o problema. A ideologia racista também é responsável pela eliminação



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

de todos os referenciais positivos que o povo negro poderia ter de si mesmo. Sob os efeitos desta ideologia, quando lemos, por exemplo, a Bíblia Sagrada, não conseguimos enxergar a presença do povo negro e o seu papel na história, como se num passe de mágica, aquele que é negro passa a ser branco.

É interessante quando analisamos o racismo a partir da observação das telenovelas mexicanas, onde não há mexicanos, mas todos os personagens tem o tipo físico característico branco europeu. Da mesma forma, notamos que um filme ou novela em que a história se dá na Bahia, onde a grande maioria da população é negra, e mesmo assim a figura do negro não está presente, sendo apenas um pano de fundo no desenrolar da história. Assim também se dá com a leitura bíblica. Ao lermos a história de Israel nem notamos que ela está recheada de personagens negros, protagonistas importantes no desenrolar da história dos Judeus. A Palestina, região onde se dá a história do povo de Deus, é vizinha da África, o continente negro por excelência. Em todo tempo há o relacionamento dos judeus com os países africanos vizinhos da Palestina, mas mesmo assim, aos nossos olhos o povo negro desaparece, e aquele personagem histórico que originalmente é negro, passa a ser branco, sem que isto cause nenhum problema a nossa fé.

O opressor usou a Bíblia para escravizar e matar, justificando raças superiores e inferiores. No entanto o povo negro tem na Bíblia uma inesgotável fonte de libertação. Não há a mínima sustentação bíblica e teológica para os argumentos utilizados pelos racistas e escravistas, de que a África é um país do diabo onde o negro cultua o demônio, sendo necessário sua vinda para a América para ser purificado. É inaceitável que ainda há leitores da Bíblia que defendem o dogma estúpido de que o negro estaria condenado hereditariamente a inferioridade. É inconcebível que ainda há aqueles que vão até a Bíblia e interpretam que o sinal que Deus pôs sobre Caim para castigá-lo (Gênesis 4.11-16), estaria relacionado com as características físicas que diferem as raças, sendo a negritude



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

da pele um sinal marcante do pecado de Caim e castigo de Deus. Todavia, convém lembrar que o sinal que Deus pôs em Caim foi para protegê-lo e não para castigá-lo. É muito triste saber que ainda há cristãos que usam o texto bíblico como pretexto para sustentarem a ideologia racista, referindo-se a maldição sobre Canaã (Gênesis 9.24-27), filho de Cam. Advogam a idéia de que o cumprimento desse julgamento tem sido a escravidão dos negros nos últimos séculos. É bom lembrar que os descendentes de Canaã eram brancos e não negros (Genesis 10. 15-17).²

A ideologia racista contribuiu para que freqüentemente, o povo negro ignorasse tudo a respeito da sua história. Desconhecem os dados sobre quando e como aqui chegaram, de onde vieram e o que trouxeram na sua bagagem. Suas manifestações culturais encontram-se muito fragmentadas e a sua imagem, quando associada à sua ascendência escrava, evoca sempre como qualidades maiores a paciência, a docilidade, a resignação, o sofrimento e a submissão, jamais a rebeldia, a resistência e a recusa da escravidão. O povo negro, enquanto descendentes de africanos estão longe de evocarem as nobres virtudes de seus ancestrais. Trazem à lembrança somente o sofrimento e a resignação associados a um passado que seria melhor esquecer.³

O alvo da ideologia racista, tem sido preferencialmente, a auto - estima da pessoa negra. É para o campo da auto - estima que se direcionam grande parte dos dardos inflamados desta ideologia satânica e mortal chamada racismo.

O QUE É AUTO - ESTIMA?

² SANTOS, L.F., Bíblia, racismo e preconceito, in Jornal do Conselho da Comunidade Negra, Setembro de 1988.

³ CONSORTE, J.G., A questão do negro - velhos e novos desafios, em Revista São Paulo em Perspectiva, Jan/mar, vol. 5, no. 1, São Paulo, SEADE, 1991, p. 86.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Segundo Moshé Feldenkrais e Charles Odiar, denominamos auto - estima o valor que atribuímos a nossas características físicas, mentais e emocionais. Este valor, auto - atribuído, pode nos tornar confiantes, seguros nos orientando para uma participação ativa e responsável no que se relaciona a nossas vidas ou inseguros, dependentes dos demais e passivos diante dos fatos que ocorrem. A auto - estima está ligada a imagem que temos de nós mesmos e ao peso que damos a nossos defeitos e qualidades, de forma a influir no fato de “gostarmos ou não de nós mesmos.” A auto - estima é o alicerce da assertividade (equilíbrio entre agressividade e passividade), que cria situações de benefícios para todos os envolvidos. Auto - estima é o amor a si mesmo e aos outros e envolve auto respeito, aceitação e confiança. É diferente do egoísmo, narcisismo, arrogância. Neste caso o indivíduo se coloca acima das demais pessoas, apresentando uma superioridade excessiva. Na maioria das vezes, quem assim se comporta tem grande dificuldade de aceitar seus defeitos e utiliza de compensação para ocultar o grande sofrimento interno. A quantidade de energia despendida para anular as conseqüências intoleráveis da frustração denuncia o grau de sua inferioridade subjacente.

A FORMAÇÃO DA AUTO - ESTIMA

Quando nasce uma criança ela é um reservatório de pulsões e instintos, que irão manter sua sobrevivência e marcar seu relacionamento afetivo. Na medida em que começa a desenvolver-se e a exercer a distinção entre seu ser e do outro, são introjetados componentes que vão influir posteriormente na sua auto - imagem. Dos 0 aos 6 anos a criança aprende a controlar, de forma consciente, seus instintos básicos em prol do processo de socialização. Interioriza os valores sociais e seu aprendizado é baseado em sistemas de reforço e punição. A representação interna que ela forma de si mesma é formada a partir do que lhe é mostrado e do que lhe dizem a seu respeito. A auto - imagem é formada a partir de informações que são ditas a nosso respeito. Esse conjunto se cristaliza em crenças, que nos guiarão no decorrer da vida. Muitas destas crenças,



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

posteriormente mostram-se irrealis e limitantes, carecendo de grande esforço para serem modificadas.

Na nossa sociedade ocidental, os fatores determinantes para que o indivíduo seja reconhecido publicamente como um vitorioso dizem respeito a obtenção do sucesso profissional, da ascensão social, aumento na aquisição de bens materiais e construção de um núcleo familiar (mesmo que não seja tão duradouro como antigamente). É em torno destes ideais que giram nossas metas de vida. A nossa alta ou baixa auto - estima está ligada a consecução ou não de tais objetivos. O ser humano sempre busca sentir-se valorizado e aceito por seu grupo social. A nossa auto - estima (de brancos e negros) é, em sua grande maioria condicionada pela comparação que fazemos com padrões socialmente estipulados (mesmo que eles sejam falsos) e com a noção que formamos sobre nós mesmos durante a primeira infância. As pessoas tendem a se julgar de acordo com o valor que os pais e a sociedade lhe dão, chegando até mesmo a desconsiderar seu potencial individual, negar seus costumes e adaptar-se a situações e lugares que muitas vezes considera errado.

Com o negro o processo não foi diferente. Submetido ao regime escravo, sendo considerado durante séculos como semelhante aos animais, não tendo alma, a recuperação de uma alta auto - estima (como provavelmente tivesse antes de ser arrancado de seu continente de origem) tem sido um trabalho de reconstrução política, social e emocional, que vem percorrendo as décadas. Nos Estados Unidos na luta pelos direitos civis, ocorridos nas décadas de 50 e 60, iniciaram um processo de conscientização de que a população afro - americana tinha uma história, tinha contribuído para o desenvolvimento do país, merecendo portanto não ser mais rotulada como inferior e proibido de frequentar locais públicos em geral. A comunidade negra passou a lutar pela democratização das relações econômicas, políticas e sociais. Muitos avanços foram conseguidos desde então trazendo modificações sensíveis na auto - estima do negro norte americano, embora percebe-se que o conflito racial ainda permaneça forte. Repetiu-se o modelo tradicional,



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

onde a alta auto - estima está associada a conquista de status considerados ideais pela comunidade negra e também pelo sistema capitalista, que abarca negros e brancos. Este processo reforçou ou elevou mais a auto - estima de um grande número de negros.

A idéia da democracia racial brasileira, onde negros e brancos vivem harmoniosamente sem conflitos, dificultou a mobilização de luta por melhores condições da população negra como um todo, como aconteceu nos Estados Unidos. Ainda presenciamos a maioria da população negra sendo discriminada e conseqüentemente introjetando a inferioridade. Dos poucos negros que conseguem evoluir na escala social, muitos acabam identificando-se com os ideais do dominador, em detrimento de seus próprios valores e de seu povo.

É urgente o resgate da auto - estima das pessoas negras. A educação tem um papel fundamental nesta tarefa de reconstrução da auto - imagem da mulher e do homem negro. Nossas crianças precisam conhecer sua história, e é tarefa da escola ensinar a história do povo negro. É imprescindível superar as mentiras das histórias oficiais, que mais atrapalham do que ajudam. É imperativo que esta história seja ensinada por pessoas que verdadeiramente conheçam a história do povo negro. É preciso que o estudo sobre a História da África integre os currículos das escolas desde o nível fundamental ao superior.

A imagem que as crianças negras tem de si próprias ainda é muito ruim. Nossas crianças, nosso povo em geral, tem que ver a sua imagem em todos os lugares, na televisão, na mídia, nas estatísticas, nos postos de trabalho, nos livros didáticos, nas revistas de moda, no cinema, na política, no Congresso Nacional, nos lugares de decisão da nação dos estados e municípios, nas igrejas, em fim, em todos os lugares. Precisamos de referenciais nos diversos segmentos da sociedade.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

A luta contra a discriminação, preconceito e racismo deve se dar em todas as áreas, na educação, nos tribunais, nas universidades, nas organizações sociais, igrejas, etc. Nenhuma condição humana é permanente, já dizia o provérbio, mas se o racialmente oprimido não lutar e exigir os seus direitos, não lhe será dado de mão beijada, também lembrava o Reverendo Martin Luther King. Já estamos em tempos de metanóia, de mudanças e conversões. Conversão de cabeça. Mudança de atitude. É preciso criar um novo ambiente, no qual todos nós juntos possamos colocar nossos recursos financeiros, materiais e pessoais, nossa educação, nossa cozinha, todo e qualquer recurso que temos em favor do combate e erradicação do racismo. É preciso superar esta ideologia satânica que se propaga por meio das escolas, igrejas, mídia e outras instituições, fazendo com que nossas crianças nutram uma auto-imagem negativa de si mesmas. Temos que avançar em direção da retomada do prazer e da alegria de sermos mulheres e homens negros. Reapropriarmos da consciência da beleza da nossa negritude, e redescobrir como é belo de ser negro e negra. Quem é negro levanta a mão. Eu sou!

BIBLIOGRAFIA:

A Bíblia de Jerusalém, São Paulo, Paulinas, 1985.

CONSORTE, J.G. A questão do negro - velhos e novos desafios, em Revista São Paulo em Perspectiva, Jan/mar, vol. 5, no. 1, São Paulo, SEADE, 1991.

MACKENZIE, J.L., Dicionário Bíblico, São Paulo, Paulinas, 1983.

SANTOS, L.F., Bíblia, racismo e preconceito, in Jornal do Conselho da Comunidade Negra, Setembro de 1988



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

SILVA, E. M., Negritude & Fé: O resgate da auto-estima, Santa Cruz do Rio Pardo - SP.,
Faculdade de Filosofia Ciências e Letras “Carlos Queiroz”. 1998.

SOARES, A . I., Auto - Estima, São Paulo, 1997, Mimeog..